



PARRÉSIA, ADULAÇÃO E AMIZADE NA EDUCAÇÃO

Ibrahim Camilo Ede Campos¹
Walter Lima Matias²

RESUMO

O artigo explora as fontes da historicidade grecorromana para evidenciar as relações entre parrésia, amizade e adulação, encetando-as no domínio educativo. Duas obras são analisadas e comparadas: *Como distinguir um adulator de um amigo*, de Plutarco, e *O diagnóstico e a cura das paixões da alma*, de Galeno. A parrésia em Plutarco não é elemento fundante da amizade, mas é a maior demonstração desta, falseada, todavia, pelo adulator. Em Galeno, a parrésia inaugura a amizade, a pressupor um distanciamento necessário para a prática da liberdade de fala, que ganha um caráter de focalidade e de intervenção temporal mais delimitada. Nos sutis entrelaces do uso prudencial da parrésia com a rudez antitética ao cuidado de si e do outro, buscase demarcar as diferenças fundamentais entre essas duas esferas de ação. Por fim, se intenta imantar as esferas da afetividade amical para a Educação, com destaque para a franqueza benevolente e corajosa, aversiva à adulação e ao descuidado omissivo ou abusivo.

Palavras-chave: Amizade, Adulação, Parrésia, Processos educativos.

INTRODUÇÃO

A tradição ocidental nos ensina que o termo *filosofia* (φίλος σοφία, amigo da sabedoria) foi utilizado primeiramente por Pitágoras para se autodenominar como tal, porquanto homem algum é sábio (CÍCERO, 2014; LAËRTIOS, 2008; AGOSTINHO, 1996; MONTAIGNE, 2009).

Essa busca incessante de proximidade com aquilo que se afigura nobre e divino, a ponto de ser inalcançável aos homens, nos remete a uma condição relacional que não é aquela da subjugação, mas da colaboração, do compartilhamento, da aproximação com a sabedoria. Não há amizade sem busca, sem caminhar de si em direção a uma alteridade. Não há amizade onde a sanha da apropriação egóica faz birra, consome e

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (PPGE/UFAL). Linha de pesquisa: Educação, cultura e currículos. Eixo: Filosofias e Educação: temáticas éticas e epistemológicas. Professor universitário. Bolsista CAPES/FAPEAL. E-mail: icec.campos@gmail.com.

² Professor orientador. Pós-Doutor pela Université Rennes II. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no Programa de Pós-Graduação em Educação. Linha de pesquisa: Educação, cultura e currículos. Eixo: Filosofias e Educação: temáticas éticas e epistemológicas, E-mail: waltermatias@gmail.com.



escarra num mundo enlameado de dores, para, após, brindar às serpentes que emolduram o espelho de si próprio.

Cheio ou esvaziado de si, tais limites tendem a raspar as formas espirituais do sujeito, atraí-lo senão a si próprio, perceber apenas a si mesmo. De uma perspectiva histórico-filosófica da amizade que privilegia a parrésia como um dos *topoi* mais altos e distintivos dessa relação, é contra o excesso de amor próprio que ela recai, é sobre o cuidado de si e do outro que ela atua, e, contra a falta dele, igualmente.

Descer das nuvens logo após sorrir, eis o segredo da leveza que evita o perigoso sono nos céus. Escalar e garfar o menu do mundo, esquentá-lo com os diferentes temperos e encontros, aí uma bela opção aos recostados no tempo.

Algumas relações são desenvolvidas sob os efeitos sedativos da adulação, regidas tão somente ao sabor das utilidades ou prazeres; outras, imantadas e fortalecidas pela confiança e pela benevolência recíproca, livre, verdadeira e corajosa, hábeis a serem nominadas *amizade*, embora pela distância relacional a parrésia também possa atuar, sempre, nos dois casos, autoenvolvente, singular, rica, altaneira, limpa dos grudes que atam para afirmar urros e destemperos, desatinos, em suma, o inverso: desatamentos.

Neste breve estudo, são apresentados alguns aportes hauridos da antiguidade greco-romana no campo da parrésia, especialmente em Plutarco (46 - c. 119 d.C.) e em Galeno (129 - c. 216 d.C.), caracterizada aquela como liberdade de fala e franqueza, o maior e mais poderoso tonificante para a amizade, a ser, por isso mesmo, ministrado com prudência (PLUTARCO, 2010). Por outro lado, a parrésia em Galeno se forja, ao menos inicialmente, na distância relacional, no pressuposto de que a proximidade traz mais dificuldades para a prática parrésica que a impessoalidade de um observador a levar a verdade de si - na coincidência do que é com o que diz - para que o outro acesse a verdade de si próprio, entrando o cuidado de si em rota de colisão com a adulação que a intimidade relacional pode alimentar. Duplicidade complementar, é o que se buscará explicitar.

Após alguns apontamentos às obras *Como distinguir um adador de um amigo* (2010), de Plutarco, e *O diagnóstico e a cura das paixões da alma* (1963), de Galeno, são tecidas, a título de provocações iniciais, potencialidades reflexivas para a Educação, lastreadas na coragem benevolente da verdade como veículo de constituição e de fortalecimento de relações entre discentes e docentes, contrária, pois, à adulação e à inflação egóica que podem degradar as searas educativas ética e mesmo epistemológicas, a se ter em relevo que a criação e o desenvolvimento do conhecimento, no contexto aqui



fixado, é indissociável do aspecto institucional e relacional dentro do qual ele se desenvolve.

A AMIZADE INAUGURA A PARRÉSIA: O MANUAL ANTIBAJULAÇÃO DE PLUTARCO

Na antiguidade greco-romana, o texto *Como distinguir um adulator de um amigo*, de Plutarco (2010), evidencia quase uma tecnologia da parrésia, ou seja, um texto marcadamente técnico no referente às distinções entre lisonja e parrésia (FOUCAULT, 2010).

Lisonjear, pondera Foucault (2010, p. 336), é “(...) é pegar no ouvinte o que ele já pensa, formulá-lo por contra própria como meu próprio discurso pessoal, e restituí-lo ao ouvinte, que fica com isso tanto mais facilmente convencido e tanto mais facilmente seduzido por ser o que ele diz”. É, por outras palavras, o espelhamento vaidoso de si pelos gestos ou palavras de outrem, sem que isso traga nenhum elemento de reflexividade para o cuidado de si. Alteridade das amenidades, eis o outro nome da lisonja.

Segundo Plutarco (2010), o amor desmesurado por si próprio abre passagem para a atuação do adulator, vez que referido exagero impede o sujeito de ser honesto consigo, tornando-o, em verdade, adulator de si. Nas palavras do autor (2010, p. 76):

(...) [o adulator] contradiz sempre o princípio ‘*Conhece-te a ti mesmo*’, desenvolvendo em cada um o engano, e mesmo a ignorância, não só sobre si próprio, mas também sobre as coisas boas e as coisas más que lhe dizem respeito, tornando as primeiras imperfeitas e inacabadas, e as segundas completamente impossíveis de corrigir.

Além disso, o adulator escolhe de preferência os que podem trazer ganhos a ele, mudando o rumo tão logo a fonte potencial de benefícios seja comprometida por eventuais revezes. Fácil identificar o adulator em tais momentos, afeta-se importante, todavia, como prevenção da dor da traição, distingui-los, desde cedo, dos amigos, tarefa que requer exercício, a fim de obstar a continuidade dessa sutil e sombria parasitose mimética da amizade, que, ao fingir semelhança, aproxima-se do adulado (PLUTARCO, 2010).

Se, por um lado, a constância nos pensamentos e nas ações é própria dos amigos, relação especular deveras valorizada na filosofia antiga, os adutores vivem e se adaptam de acordo com a vida alheia, caracterizados, ademais, pela mutabilidade e pela



variabilidade de palavras e de comportamentos, a depender do contexto e da personalidade do adulado, imitando-o apenas para fortalecer a vaidade deste (PLUTARCO, 2010).

Dessa feita, o adulator sempre mobiliza o prazer como meio direto para agradar o adulado, tudo fazendo em prol dessa agradabilidade. Na relação entre amigos, contudo, o prazer é dela apenas um reflexo ou efeito natural, prescindível e secundário, sem que o amigo, apenas por conveniência, deixe de ser, quando necessário, desagradável ao outro, tal como o medicamento ministrado na dose certa, malgrado amargo (PLUTARCO, 2010).

Se a verdadeira franqueza é a antítese da adulação, nada melhor para o adulator que falsificá-la e usá-la como se verdadeira fosse (PLUTARCO, 2010). A franqueza, o modo de falar mais característico da amizade, não poderia deixar de ser imitada ou falsificada, sendo na verdade o expediente mais utilizado pelo adulator.

Em outro âmbito de ação, o adulator, em sua maneira de ser, está sempre a não prescindir dos pequenos gestos e das pequenas ações socialmente referenciadas, pronto e constantemente disponível para elas, dispondo-se, ainda, a atender todos os desejos e em tudo concordar, embora se amue pelo mínimo impedimento, por parte do adulado, de serem realizadas. A seu turno, o amigo releva as formalidades sociais dispensáveis, além de circunscrever seu auxílio no que possível e com ponderação (PLUTARCO, 2010).

Tocante a se fazer o bem sem esperar retribuições, o amigo auxilia sem se exhibir nem elogiar, nem mesmo dando saber ao outro que prestou o auxílio, diferente, pois, da manifesta exibição do adulator para chamar atenção ao suposto bem que esteja fazendo (PLUTARCO, 2010).

Tão importante quanto as distinções entre o amigo e o bajulador, o discernimento prudencial quanto à ocasião em que a parrésia deva ser utilizada é fundamental, sob pena de a antítese amigo / inimigo confundir-se na abrasividade maléfica ou no exagero do fármaco anímico a que se destina a parrésia.

Paralela a tal distinção, há dois extremos negativos de conduta, um pela falta, outro pelo excesso. Há os que, diante dos amigos afortunados, nada advertem, a contribuir negativamente para retirar o excesso de orgulho ou amor próprio dos amigos, e os que, diante daqueles em situação inversa, utilizam a franqueza de modo rigoroso e violento, ao invés de deixarem a própria situação servir, na qualidade de advertência, como elemento catalisador da transformação, sem a necessidade da



intervenção parrésica, sob pena de a terapêutica da alma qualificar-se em veneno, recomendando-se, antes, sensibilidade e auxílio.

Sobre o momento de utilizá-la, Plutarco (2010, p. 147-148) convida o leitor a se valer de oportunidades: “(...) uma pergunta, uma história, uma crítica ou um elogio de factos semelhantes noutras pessoas, são como que um prelúdio para a franqueza”, ou quando, após críticas insultuosas dirigidas ao amigo por terceiros, o outro amigo o admoesta pela tristeza que elas lhe trouxeram, ou ainda quando o amigo, por via indireta, censura terceiros acerca do que o outro amigo na verdade faz, ou quando o amigo evita a censura e a imoderação que se poderia fazer ao outro diante de muitas pessoas, visto nada contribuir para a terapêutica da pessoa. Sutilezas que marcam um espírito educado, diverso da tosquice que escarra na inteligência do discernimento.

Ainda nesse passo de prudencialidade, em relação ao evitamento da censura diante de várias pessoas:

É também muito pouco adequado expor um marido aos ouvidos da sua esposa, um pai à vista dos seus filhos, um amante na presença do amado, um professor na presença dos alunos; pois, ao serem apontados diante daqueles por quem desejam ser apreciados, estas pessoas ficam transtornadas de desgosto e de rancor (PLUTARCO, 2010, p. 151).

Por outro lado, a mistura do dizer franco a um elogio atenua a dureza da palavra, além de propiciar ao outro a lembrança de si como exemplo de conduta para o aperfeiçoamento moral e lidar com o erro contra o qual exsurge a parrésia. Evocações edificantes, é dizer, do próprio sujeito, sem compará-lo a outros em situação de similaridade de modo a louvar estes últimos.

Referido elogio serve como meio de atenuar a franqueza de linguagem para a correção do vício. Nesse sentido, a aspereza desnecessária ou a proibição de que o mesmo se defenda nada tem a ver com o bom uso da parrésia, com sua utilização de modo terapêutico, “pois o falar francamente nada mais traz do que tornar menos dolorosa e mais eficaz a cura, do que o refrear da ira no temperamento e, pela benevolência, aproximar-se dos que erram” (PLUTARCO, 2010, p. 160), devendo o amigo, ao invés de lançar a palavra e deixá-lo só, acompanhá-lo e estar próximo dele, sem, no entanto, ocupar o silêncio e o espaço da autorreflexão.



Assim, ao contrário do peso e da imponência da verdadeira franqueza, que atua de modo tópico, sendo utilizada apenas no estritamente necessário para o bem do amigo, a falsa franqueza apresenta-se arrogante, vil, mesquinha e minuciosa. A primeira, com efeito, “(...) agarra-se aos que cometeram erros, transportando consigo uma tristeza solícita e salvadora, e, tal como o mel faz, debrida e desinfecta as feridas, conservando nas demais circunstâncias a utilidade e a doçura (...)” (PLUTARCO, 2010, p. 112), sem, por outro lado, “(...) procurar fugir da adulação, dilacerar a amizade e uma recíproca solicitude por uma desmesurada franqueza” (PLUTARCO, 2010, p. 135).

Diversas características do parresiasta, expostas no referido texto de Plutarco, estão presentes em Galeno, médico e filósofo de relevo na história ocidental, mais conhecido pelas contribuições à medicina que pela filosofia moral.

Na obra *O diagnóstico e a cura das paixões da alma*, a gênese relacional da parrésia não coincide com a amizade, de modo que, se em Plutarco a parrésia ocupa lugar central na amizade, a ser utilizada dentro de um fluxo temporal de relação indefinido, sendo o parresiasta o outro nome do amigo, em Galeno a parrésia atua de modo mais focal e incisivo, com destaque mesmo para a insistência que o consulente deve ter diante de eventual resistência do então desconhecido, escolhido a dedo para *parresiar*, com destaque também para a ascese que esse consulente deve ter na busca do aprimoramento moral. Em Galeno, a parrésia precede ou instaura a relação de amizade, forjando-se ao tempo da veridicção moral que estabelece a verdade de si no cuidado ao outro.

A PARRÉSIA INAUGURA A AMIZADE: A FRANQUEZA DAS DISTÂNCIAS

No ensaio *O diagnóstico e a cura das paixões da alma*, o excesso de amor próprio é, assim como para Plutarco (2010), um dos obstáculos para o autoconhecimento e a conseguinte autopercepção dos vícios, pois, amando-se em demasia a si próprio, ilusões podem ser criadas (FOUCAULT, 2006). Assim, ao menos de início, é bem difícil, por si só, realizar esse autoexame voltado a perscrutar os próprios vícios, sendo necessário um outro que atue como observador, vigilante e enunciador da franqueza.

Galeno (1963) propõe o seguinte método para encontrar o parresiasta, que, adiante-se, não precisa ser um amigo, diferentemente do parresiasta em Plutarco.

Se alguém é elogiado porque não adula ninguém, deve-se aproximar dele para saber melhor quem ele é. Por outro lado, se frequenta continuamente as casas dos ricos,



dos poderosos ou dos monarcas, não procede que sempre fala a verdade, porquanto a bajulação tende à mentira em nome da riqueza e da honra. Fazendo o contrário disso e tendo vida disciplinada, espera-se, a princípio, que fale a verdade, sendo preciso, em seguida, associar-se a ele para bem conhecê-lo ao longo do tempo. Outra característica que deve estar presente naquele que se procura é que seja homem de idade, ou seja, que tenha experiência (GALENO, 1963).

Se tudo isso é confirmado, seja chamado em privado e dito a ele que haveria muita gratidão acaso falasse de pronto e com franqueza se vê as paixões da honra e das riquezas no consulente, e que prometa dizê-las sempre que perceber a afetação delas em seu espírito. Será assim o melhor amigo, apontando-lhe cada falta para tornar o outro melhor, pondo à luz cada ação errada (GALENO, 1963).

Para Galeno (1963), a amizade vem após a parrésia, ao passo que, para Plutarco (2010), a amizade precede a parrésia, sendo tal franqueza mesmo um critério distintivo entre o amigo e o bajulador. Nesse sentido, atinente ao primeiro, a amizade não é pressuposto da relação parrésica, preferível, antes, que o outro seja inicialmente um desconhecido (FOUCAULT, 2013), um observador neutro, justamente para evitar hostilidade ou adulação decorrente de relações prévias (FOUCAULT, 2006).

Vários dias passados, nada disse esse outro que se busca? Insista-se novamente, com mais sinceridade, para que diga logo se percebe paixões ou não. Se disser que não, não acreditar de imediato, mas refletir: negou por negligência, ou por receio de ser odiado, ou porque não quer auxiliar, ou ainda por ter percebido no passado que outras pessoas não aceitaram o apontamento contra elas dos respectivos erros e paixões. Se o contrário desta última hipótese se revela, mostrando-se o consulente disposto a escutar e a agradecer pelas palavras do outro, sem relaxar a vontade nem repreendê-lo, encontrar-se-á quem lhe apontará vícios e erros com propósitos edificantes (GALENO, 1963).

Sob outro vértice, o parresiasta não pode ser rico nem ter *status*, assim como o que recebe a parrésia, pois o primeiro recearia em ser prejudicado em razão da posição do segundo. Sorte de parrésia fraca, deveras diferente da parrésia cínica, corajosa e dirigida a todos, sobretudo aos ricos e poderosos (que o diga Alexandre, o Grande), manifestada por excelência na figura clássica de Diógenes de Sinope, antítese quintessenciada da bajulação, como observa, aliás, o próprio Galeno (1963, p. 36): “*If, therefore, anyone who is either powerful or also rich wishes to become good and noble,*



*he will first have to put aside his power and riches, especially in these times when he will not find a Diogenes who will tell the truth even to a rich man or a monarch”.*³

Aos poucos, com o auxílio inicial do parresiasta, por si só o consulente perceberá os vícios e erros, e compreenderá que ninguém é totalmente livre deles, embora sempre deva buscar progredir inclusive, como ressalta Foucault (2010), de modo permanente e contínuo na existência. Aos poucos, ocorre o aperfeiçoamento e um melhor domínio de si, mesmo se inatingível no sentido pleno e total (GALENO, 1963). Para tanto, Galeno (1963) oferta ao leitor a seguinte experiência que lhe ocorreu: após seu amigo quase matar dois servos com uma espada por terem perdido uma bagagem em viagem, implora a Galeno para que o chicoteasse por não ter controlado sua raiva. Contra a reciprocidade punitiva, interveio a parrésia de Galeno - o chicote metafórico - a fim de que seu amigo buscasse controlar essa raiva interior.

Desse modo, sobre a raiva, como para outras afecções da alma, não se deve diagnosticá-las por si próprio, mas confiar esse diagnóstico em outrem. Deve-se agradecê-lo por apontar essas faltas e tê-las em mente a cada dia, adquirindo-se, mais tarde, uma maior perspicácia, relativamente à auto-observação e ao discernimento próprio. Quando maior a ascese nesse sentido, mais próximo da temperança e da virtude se estará (GALENO, 1963).

Quanto maior o tempo em que o vício se instalou no sujeito, mais tempo e empenho se requer para remover as paixões da alma (GALENO, 1963). Se irascibilidade (parte irracional da alma) pode ser domada a fim de que obedeça ao senhor (a razão), a concupiscência, a outra parte irracional da alma - que nos chama ao que parece agradável antes que se o considere como maléfico ou benéfico -, embora não possa ser domada, pode ser castigada. Por qual meio? Pela ausência daquilo que deseja o poder concupiscível, daquilo que o alimenta, de modo a deixá-lo submisso à razão não pela obediência, mas pela fraqueza. Para que essas paixões não cresçam e se tornem invencíveis, aí inclusos os prazeres ligados ao corpo, sejam de natureza alimentar ou sexual (GALENO, 1963), importa seja isso feito o quanto antes possível.

A compreender a parrésia como liberdade de palavra ao que se soma a franqueza, a sinceridade e o risco, faz-se, necessário, em vista de neutralizar esse risco, estabilizar

³ “Se, portanto, alguém que é poderoso ou também rico deseja se tornar bom e nobre, ele primeiro terá que deixar de lado seu poder e suas riquezas, especialmente nestes tempos em que ele não encontrará um Diogenes que diga a verdade até mesmo para um homem rico ou um monarca”



a relação por meio de um pacto intersubjetivo - a insistência do consulente em Galeno vai forte nesse sentido -, no qual o dever do dizer franco seja escutado pelo outro interlocutor e, sobretudo, contra ele não oponha violência. Assim, no sentido pactual, a parrésia não admite a volta da revolta, revolta do parresiasta que forja a palavra dirigida ao outro, pelo outro, sendo a confiança um elemento fundamental a alicerçar o pacto parrésico (FOUCAULT, 2011).

PARRÉSIA E AMIZADE NO CAMPO DAS RELAÇÕES EDUCATIVAS: POR UMA EDUCAÇÃO CONTRA-ADULATÓRIA

A amizade não surge apenas da leveza, do emaranhamento sutil que se forma ao longo das relações intersubjetivas. Ela deve atuar, com franqueza e coragem, inclusive contra a vociferância do outro - não raro este brutal mas com o mar guardado dentro de si -, pois vociferar não tem necessariamente como direção e alvo aquele para quem se vocifera.

O grito de si para si, como lealdade e despertar para os vícios do outro; o grito de si para o outro, como irrisignação que se levanta contra amenidades pretensamente naturais e contra sedações anestésicas oriundas de convencionalismos inibidores de escolhas e caminhos próprios. A escola como desaguadouro natural do tempo padronizado em idades e subjetividades vai absolutamente na contramão de qualquer tentativa de utilizar - com os devidos dimensionamentos - as reflexões de Plutarco e Galeno para o domínio das relações educativas.

Primeiro, pensar eticamente as relações entre professor (*profítari*, declarar ante) e aluno (*alumnus*, aquele a quem alimentamos, material e espiritualmente), como entrelaçamentos formativos e potenciais, implica uma supressão frontal seja do anonimato docente - tradutor ou facilitador verbal de dificuldades teóricas ou práticas - seja do anonimato discente, como receptáculo de conteúdos submetido a controle de conhecimentos objetiva e previamente determinados, adstritos, deveras, ao nome (sem o que a nota ficará no vazio, errante a instituição nas suas metas performáticas de excelência), em procedimento reducionista, de ressaltos quantitativo e comparativo (na órbita da aferição de conhecimento e dos rendimentos), frente a uma redução de alto cariz ético, que superpõe a objetividade da nota à subjetividade do aluno.



A parrésia pode servir de eixo para a instauração de verdades e de subjetividades, de modo a propiciar relações amicais para além dos formatos sociais estanques que se comunicam tímida e formalmente apenas nos encontros criados e desenvolvidos em um espírito logocêntrico, impessoal e instrumental ocorrente nas relações educativas.

Sob tal prisma, as amizades verdadeiras podem começar em ambientes institucionalizados e demarcados temporalmente, porém, ali não devem se esgotar. Devem, antes, atravessar o tempo, fincando nele a coragem de afirmar o outro como aquele de quem se cuida sem excessos protetivos, no risco e na coragem de dizer a verdade, contradizendo silenciamentos numerizantes e exercendo a verdade de si buscando, ao mesmo tempo, a verdade do outro para ele próprio, sem adulações que fazem tábula rasa dos princípios do autoconhecimento e do autocuidado, os quais passam pela franqueza corajosa e benevolente do outro.

O texto de Galeno privilegia a parrésia partindo de um desconhecido. Ali, a parrésia é não tanto o reflexo constitutivo e natural da amizade, como fortalecedor dessa amizade, mas ela é de algum modo a causa e o fim da amizade, o fio pelo qual a relação começa e termina, até mesmo porque, pelo texto de Galeno, o consulente, mediante contínua ascese, vai aos poucos se desgarrando dos avisos do parresiasta, e, nesse sentido, diverge da relação amical duradoura em Plutarco, que atribui à parrésia um caráter central e permanente.

Além disso, a sensibilidade que Plutarco sugere no campo da prudencialidade, o que é fulcral para que o fármaco parrésico não se torne veneno, precisa justamente de uma relação prévia, a exemplo das diferentes hipóteses que a franqueza pode advir na dose precisa e sem ferir o outro, embora se trate de manejo que exija bastante sensibilidade e, preferencialmente, um prévio conhecimento do outro para modular ou buscar prever as respectivas atitudes.

A franqueza oportuna e benevolente, nessa perspectiva, nunca se separa da amizade, ou seja, nunca é utilizada com os paroxismos do confronto. Trata-se de fala que pressupõe a escuta no sentido próprio e metafórico, como abertura e sensibilidade para compreender o outro e para intervir, organizando-se a prática do parresiasta em torno dessas duas dimensões indissociáveis, a da alteridade da escuta e a da alteridade da ação, em exata coincidência com o que pensa e pratica - a verdade de si para a verdade dos outros.



Trata-se de textos que guardam relação de complementaridade, ricos para uma reflexão que busque adstringir verdades morais e afetividades ao domínio dos processos educativos escolares, bem como no âmbito da Educação, de modo que as diferenças intrínsecas podem ser relevadas em prol de uma travessia pelas porosidades de ambos, sobretudo a se ter em vista os princípios acima mencionados, do autoconhecimento e do autocuidado, na medida em que há um cuidado de si e do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adular, agradar, aguardar... intervir, atingir, transformar. Espera preguiçosa e egoística de um lado, atitude corajosa e alterística de outro.

Imantar as esferas da afetividade para a Educação, destacando-se aqui o campo relacional da amizade, pressupõe justamente uma recalibragem ou regulação dos processos educativos, regidos, prevalentemente, por concepções logocêntricas. Uma catálise desse rebalanceamento pode ser ativada pela parrésia, uma das propriedades fundamentais de uma amizade em que o sujeito manifesta a verdade de si *para* e *no* outro.

Um passado que se transmuta e se atualiza no presente, os ensinamentos de Plutarco nos exortam à prudência interventiva e à amizade que, distinta da adulação, não prescinde da franqueza:

é que poucos entre muitos são os que preferem ousar exprimir-se com franqueza a agradar aos amigos. E ainda assim, mesmo entre estes raros, não descobririas facilmente homens aptos a fazê-lo, mas encontrarás quem julga que está a usar de franqueza quando insulta e condena (PLUTARCO, 2010, p. 134)

Peneira da peneira. A considerar o déficit de competências socioemocionais nas relações educativas, soterradas pelo metro dos currículos de tônica cognitivista e performativa, é dizer, a desimportância da amizade para a Educação, em especial a educação escolar, resta então, ainda, uma terceira peneira. Contra a omissão lesiva, a inaptidão grosseira do manejo da verdade e a indiferença passional reinante nas esferas educativas, um novo modelo ético de docência, o professor parresiasta, pode ser esboçado como resistência pelos insatisfeitos com as heteronomias vigentes.



REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus*. 2 ed. v. 1, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

CÍCERO. *Discussões tusculanas*. Uberlândia: Edufu, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GALEN. *On the passions and errors of the soul*. Ohio State University Press, 1963.

LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2 ed. Brasília: UnB, 2008.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais*. Paris: Gallimard, 2009.

PLUTARCO. *Obras morais: como distinguir um adulator de um amigo: como retirar benefício dos inimigos: acerca do número excessivo de amigos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/2396/9/sobre_a_amizade.pdf?ln=es. Acesso em: 07 jul. 2020.

PROMETEUS. FILOSOFIA EM REVISTA. Discurso e verdade: seis conferências dadas por Michel Foucault, em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983, sobre a *parrhesia*. Ano 6. Número 13. Edição especial. 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/1549>. Acesso em: 07 jul. 2020.